

**Sacrifício, Erotismo e o Mundo das Conexões e das  
Continuidades: uma análise do filme *Midsommar*  
a partir de Georges Bataille**

**Sacrifice, Eroticism and the World of Connections and  
Continuities: an analysis of the film *Midsommar*  
from Georges Bataille**

*Giovanna da Silva Santos*<sup>1</sup>

*Paulo Augusto de Souza Nogueira*<sup>2</sup>

**RESUMO**

O artigo analisa o tema do sacrifício e do erotismo na ficção arcaizante do filme *Midsommar*, dirigido por Ari Aster, de 2019, em diálogo com a teoria do sacrifício e do erotismo proposta por Georges Bataille. O enredo do filme se passa numa festa de solstício de verão na Suécia, que recriaria elementos de ritos ancestrais, entre eles o Ättestupa, um suicídio ritual, além de uma cerimônia de acasalamento sagrado, entre outros. A narrativa recorre a elementos de ritos ancestrais e desconcertantes que inserem o ser humano radicalmente na terra, nos elementos e nos ciclos da natureza. Desta forma, ele aspira oferecer uma crítica às relações frias, burocráticas e artificiais da sociedade contemporânea. Em sua obra *O Erotismo* Georges Bataille nos oferece uma poderosa – e às vezes desconcertante – reflexão sobre essa relação do ser humano com o mundo da continuidade da vida, que só pode ser reconstituída por meio de violência e erotismo ritualizados, nos quais os seres humanos poderiam suspender por instantes suas existências descontínuas e fragmentadas, se conectando com as forças vitais e com a natureza. No artigo experimentamos, portanto, como a narrativa cinematográfica pode ser colocada em diálogo crítico com conceitos e análises filosóficas.

**PALAVRAS-CHAVE**

Sacrifício; Violência; Sagrado; Morte; Cinema; Georges Bataille; *Midsommar*.

<sup>1</sup> Mestranda em Ciências da Religião e bolsista do CNPQ pela Pontifícia Universidade Católica de Campinas.

<sup>2</sup> Doutor em Teologia (Karl Ruprecht Universität, Heidelberg), pesquisador do PPG-Ciências da Religião da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, bolsista produtividade CNPq-2.

**ABSTRACT**

The article analyzes the theme of sacrifice and eroticism in the archaizing fiction of the 2019 film *Midsommar*, directed by Ari Aster, in dialogue with the theory of sacrifice and eroticism proposed by Georges Bataille. The film's plot takes place at a summer solstice festival in Sweden, which recreates elements of ancestral rites, including the *Ättestupa*, a ritual suicide, as well as a sacred mating ceremony, among others. The narrative uses elements of ancient and disconcerting rites that radically insert human beings into the earth, the elements and the cycles of nature. In this way, he aspires to offer a critique of the cold, bureaucratic and artificial relationships of contemporary society. In his work *Eroticism*, Georges Bataille offers us a powerful – and sometimes disconcerting – reflection on this relationship between human beings and the world of the continuity of life, which can only be reconstituted through ritualized violence and eroticism, in which human beings can briefly suspend their discontinuous and fragmented existences, connecting with vital forces and nature. In the article we therefore experiment with how cinematic narrative can be placed in critical dialogue with philosophical concepts and analyses.

**KEYWORDS**

Sacrifice; Violence; The Sacred; Death; Cinema; Georges Bataille; *Midsommar*.

**Introdução**

Georges Bataille discorre em sua obra *O Erotismo* sobre o sacrifício religioso, expondo questões essenciais no que diz respeito à morte e à violência que envolve os rituais. Para o autor, somos seres individuais e descontínuos, presos nessa individualidade particular, porém é na morte que conseguimos observar de certa maneira a continuidade do ser. É por meio disso que esse artigo busca perceber como essa morte permeada pelo espectro da violência se distancia da morte contemporânea observada diariamente. Discorrendo sobre o pensamento de Bataille, propomos compreender também o universo ficcional do filme *Midsommar*, que manifesta de maneira imagética em sua trama todas essas questões: “É geralmente próprio ao sacrifício fazer concordar a vida e a morte, dar à morte o jorro da vida, à vida o peso, a vertigem e abertura da morte. É a vida misturada com a morte, mas nele, ao mesmo instante, a morte é signo de vida e abertura ao ilimitado”<sup>3</sup>.

*Midsommar* é um filme de ficção arcaizante, dirigido por Ari Aster e produzido pelo estúdio A24. O filme foi lançado nos Estados Unidos no dia 3 de julho de 2019 e no Brasil no dia 19 de setembro de 2019. Ari Aster é um diretor, roteirista e produtor norte-americano. Nasceu em 15 de julho de 1986 em Nova Iorque. Em uma de suas falas sobre o filme *Midsommar*, sugere que é melhor para o público assistir ao filme sem saber muito sobre ele, ou seja, sem ter muitas informações prévias. Ele acredita que essa abordagem pode levar a uma experiência mais envolvente, onde os espectadores poderiam ser levados pela narrativa sem ideias preconcebidas. Além disso, Aster menciona que o filme se encaixa no sub gênero de horror folclórico, que é caracterizado por elementos culturais e folclóricos inseridos na trama de horror. No entanto,

---

<sup>3</sup> BATAILLE, Georges. *O erotismo*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. Tradução de: Fernando Scheibe.

afirma que o filme segue a lógica de um gênero diferente, o conto de fadas. Isso indica que, embora o filme possa incorporar elementos de horror folclórico, ele aborda a narrativa e os temas de maneira semelhante a um conto de fadas, que muitas vezes tem uma estrutura de história mais simbólica e moral.

Sobre ‘Midsommar: O Mal Não Espera a Noite’ (2019), eu realmente não me importo com o gerenciamento das expectativas. As pessoas podem reagir da maneira que quiserem. Acredito que é melhor entrar no filme sem nenhum conhecimento prévio. No entanto, é um filme que está aderindo às convenções de um certo subgênero, o horror folclórico, mas com a lógica de um gênero diferente, um conto de fadas. Como transformar um filme de horror folclórico em um conto de fadas?<sup>4</sup>

O enredo do filme aborda tradições dos mitos da Suécia antiga, bem como algumas outras tradições da Inglaterra e da Alemanha, explorando através do visual o contraste entre a beleza da natureza e momentos trágicos, com as respectivas simbologias. No início da trama, somos apresentados à personagem Dani, que se torna a protagonista da narrativa, que é interpretada pela atriz Florence Pugh. Ela incorpora a complexidade emocional e psicológica da personagem, que está passando por um processo de luto com algumas conturbações perante o acontecido recente de sua vida: a morte de seus pais e de sua irmã, que se matou, causando a morte dos mesmos.

Dani está presa em um ciclo de abuso emocional e manipulação, incapaz de se libertar do controle opressivo que seu parceiro exerce sobre ela. Na medida em que luta para ser validada, prende-se a seu namorado, que todo o tempo se encontra inexpressivo e indiferente ao seu sofrimento, enquanto busca encontrar forças para se recuperar e seguir em frente com sua vida. Ao chegar à Hårga, comunidade visitada pelos personagens, Dani se encontra interiormente. Conforme os rituais vão acontecendo, ela sente-se acolhida e validada, se identificando com a natureza e com a comunidade, se transformando, inclusive, na Rainha de Maio. De modo geral, todos esses rituais são realizados em grupos. É como se a dor, o prazer e o sofrimento fossem sentidos e compartilhados também por aqueles que estão presentes, ainda que os mesmos não estejam de fato no ato ali, em si, tudo é visto e aderido com uma determinada unidade, como se todos pudessem juntos expurgar seus sentimentos individuais através do coletivo.

### **A estrutura da narrativa de *Midsommar***

A discussão sobre a análise de um filme não pode ser completa sem um diálogo aberto e aprofundado com a sua estrutura visual e narrativa. Essas cenas importantes ajudam a construir a tensão e o mistério em torno do festival de solstício de verão em Hårga e a explorar a jornada emocional de Dani, enquanto ela lida com sua dor e trauma. Há uma sobreposição da viagem dos jovens norte-americanos à Suécia e a viagem espiritual de Dani na narrativa.

Sendo assim, analisamos o filme da seguinte maneira, a partir dos personagens principais e das principais cenas:

<sup>4</sup> ASTER, Ari. [MIDSOMMAR]. [2019]. Disponível em: <<https://www.imdb.com/>>. Acesso em: [17/08/2023].

**Personagens principais:**

- a. Dani Ardor (Florence Pugh), como figura central. Desde o início, sua fragilidade emocional é palpável após a perda trágica de sua família;
- b. Christian Hughes (interpretado por Jack Reynor): Christian é o namorado de Dani. Ele está emocionalmente distante dela e sempre demonstra insensibilidade em relação às suas emoções e sofrimento;
- c. Pelle (interpretado por Vilhelm Blomgren): Pelle é um amigo sueco de Christian que convida o grupo para participar do festival de verão;
- d. Josh (interpretado por William Jackson Harper): Josh é um amigo e colega de Christian, também estudante de antropologia. Ele está interessado em pesquisar as práticas do ritual e os segredos das Runas para sua tese;
- e. Mark (interpretado por Will Poulter): Mark se estabelece como aquele que nunca se abstém de expressar suas opiniões, mesmo que isso signifique envolver os outros em um jogo de palavras ácido.

**Cena principais:**

- a. Imagem de abertura: floresta gelada, neve, inverno, que traz a sensação de frio, de que algo está congelado à espera de transformação. A imagem é seguida pela apresentação de uma única tela que contém todas as cenas do filme, bem como um presságio das mudanças que irão ocorrer durante a narrativa;
- b. A cena que se inicia com o som do telefone marca o início da jornada de Dani rumo a um mundo cada vez mais perturbador e desconcertante. Ao voltar para a temporalidade comum, o filme retoma o ritmo normal da vida cotidiana, mas essa sensação é rapidamente desestabilizada pelo comportamento nervoso e angustiado da personagem, ao conferir e-mails e realizar ligações;
- c. Quando Dani interage com seu namorado, Christian, nos é apresentado o distanciamento evidente entre os dois. O diálogo frio e desinteressado de Christian contrasta com a angústia e a vulnerabilidade de Dani. A ambientação sonora, que inclui o som insistente do telefone, contribui para acentuar a tensão presente na cena;
- d. Cena de Christian e seus amigos no bar, conversando sobre assuntos frios e esvaziados de significado. Os amigos tentam convencer Christian a terminar com Dani, ignorando todas as problemáticas existentes na vida dela;
- e. Dani descobre que sua irmã Terri suicidou-se, provocando também a morte de seus próprios pais com dióxido de carbono. A cena enfatiza o sofrimento de Dani a partir de seus gritos de desespero, acompanhado por uma trilha sonora tensa e perturbadora;
- f. Christian e seus amigos decidem ir para a Suécia, a convite de Pelle, para participar do festival de solstício de verão em Hårga, como uma maneira de obter inspiração para sua tese acadêmica. Também há um interesse vulgar em se relacionar com as mulheres suecas;
- g. Dani não é convidada inicialmente para a viagem, mas implora a Christian para ir com ele e seus amigos, já que não quer ficar sozinha em casa depois da morte de sua irmã. Ela é incluída pelos amigos sem entusiasmo;
- h. Os personagens chegam em Hårga e são recebidos pelos membros da comunidade que os convidam para participar dos rituais do festival. As tradições incluem a ingestão de

- drogas psicodélicas e a dança em torno do polo de maio, entre outros rituais. O mais chocante deles é o ritual de *Åttestupa*, um ritual de suicídio de um casal de idosos;
- i. Dani experimenta uma intensa conexão emocional com os membros da comunidade. Essa conexão se torna ainda mais forte quando Dani participa de uma cerimônia na qual as mulheres da comunidade se unem para compartilhar dessa mesma dor e sofrimento.
  - j. Christian, que começa a se interessar em escrever e pesquisar mais sobre o festival, começa a se distanciar de Dani e se aproxima de uma jovem chamada Maja, que parece estar interessada nele;
  - k. A tensão entre Dani e Christian aumenta quando ela visualiza um ritual de copulação entre Maja e Christian. A comunidade de Hårga a encoraja a expressar sua dor. O filme culmina em um ritual final, em que Dani é coroada como a Rainha do Maypole e participa do sacrifício ritual de várias pessoas, incluindo Christian. Dani parece ter encontrado uma nova comunidade e uma nova família, onde encontra seu vínculo de pertencimento, enquanto Christian e seus amigos são sacrificados em um ritual.

Podemos destacar os seguintes eixos articuladores de sentido no filme:

- a. Depois que os personagens chegam em Hårga, eles são recebidos pelos membros da comunidade que explicam as tradições do festival de solstício de verão, que incluem danças e rituais. Esses rituais simbolizam a renovação da vida e a conexão entre a humanidade e a terra;
- b. Durante uma das cerimônias, as mulheres da comunidade se reúnem para compartilhar a dor e sofrimento de Dani. Tudo é vivido coletivamente;
- c. No ápice da narrativa, ocorre um ritual em que diversas pessoas são sacrificadas em prol da renovação da vida e da conexão entre a humanidade e a terra. Para os membros da comunidade, esses sacrifícios são fundamentais para manter a harmonia e o equilíbrio com a natureza. Os seres humanos vivem e morrem segundo os ciclos da natureza ritualizados.

Essas cenas representam a importância da conexão entre a humanidade e a terra, destacando como os rituais e tradições podem ajudar a nos reconectar com a natureza e com os ciclos da vida.

### **Crítica à sociedade da produção e do consumo**

Hårga, em *Midsommar*, é uma comunidade que está em um dos lugares mais extremos da Suécia, e que no verão o sol não se põe. É composta por membros que possuem fortes tradições, unidos entre si e submetidos a uma hierarquia definida. A isso corresponde a união com a natureza e seus ciclos. Todos parecem estar em constante harmonia e unidade uns com os outros a todo instante. Hårga está ambientada em um local não só geograficamente isolado do mundo do trabalho, como também de uma concepção ideal. É um ambiente que não leva em consideração a demasia, ou o lucro, que por sua vez se conecta com o dispêndio, ou seja, esse eterno retorno à unidade, conceito central no pensamento de Bataille.

Segundo o pensador francês, o mundo do trabalho insinua um mundo da razão, no qual, para que seja possível produzir e subsistir, é necessário que possamos gerir uma forma racional de existir, deixando de lado, ainda que não completamente nossa animalidade, um modo de destruição improdutiva ligada ao mundo da indústria.

Na sociedade arcaica, teoricamente, o mundo das coisas era dado como fim à violência íntima, mas só podia sê-lo sob uma condição: a de que essa violência fosse tida por soberana, que ela fosse, de fato o verdadeiro fim: a preocupação com a produção não era mais uma reserva angustiada; de fato, a produção estava subordinada às destruições improdutivas.<sup>5</sup>

Em Hårga, o ambiente é propício para a representação da manifestação do excesso, ou seja, dos rituais que inserem a violência e revelam ao mesmo tempo a experiência do rompimento da ordenação, em contraste com o mundo onde a finalidade das coisas se baseia na utilidade.

Os homens começam a dizer: “Edifiquemos um mundo cujas forças produtivas cresçam cada vez mais. Responderemos cada vez mais a nossas necessidades de produtos materiais.” Logo se torna sensível que, ao tornar-se ele próprio o homem da coisa autônoma, o homem se afasta de si mesmo, mais do que nunca. Essa cisão total abandona decididamente sua vida a um movimento que ele não comanda mais, mas cujas consequências, no final, lhe dão medo.<sup>6</sup>

Com o mundo da produção, o homem se distanciou cada vez mais de suas necessidades de uma vida em movimento, de uma vida interior ligada a si mesmo. O resultado da separação do homem da sua própria interioridade determina conflitos que causam temor e negação. O mundo divino passa a seguir a moral, o violento e o nebuloso se misturam em certa ordem que rege o tal mundo da eficiência.

Teoricamente, o uso da produção foi subordinado à moral, mas a moral e o mundo divino se interpretam profundamente. O mundo divino tirou sua força de uma negação violenta que ele condenava e permaneceu divino embora se confundisse com o fundamento real *da moral, e, portanto, com a ordenação das coisas*.<sup>7</sup>

A comunidade representa um mundo sagrado, ou seja, podemos interpretar o filme pelo viés de um dualismo, de um mundo de interioridade versus o mundo da produção.

Entende-se o mundo da produção, ilustrada pela vida que Dani tinha antes de conhecer Hårga, uma pessoa que censurou o luto por estar presa a essa realidade onde ignorar suas emoções era a única opção que faz manter por perto Christian. É possível acompanhar durante a trama como Dani tenta agir de forma natural diante dos momentos sociais com os amigos de seu companheiro, tentando esconder o sofrimento que reside na sua vida conflituosa. A todo o momento, esforça-se a manter seu estado racional, quando há dentro de si um espectro nebuloso. Esse lado cada vez mais é explorado, na medida em que há um distanciamento de seu companheiro e uma aproximação e acolhimento do povo de Hårga. Porém, dentro desse espectro

---

<sup>5</sup> BATAILLE, Georges. *Teoria da religião. Seguida de Esquema de uma história das religiões*. Belo Horizonte: Autêntica, 2016, p. 67.

<sup>6</sup> BATAILLE, 2016, p. 68.

<sup>7</sup> BATAILLE, 2016, p. 67

do sagrado, através dos sacrifícios e ritos, ela passa a encarar e superar as dores passadas, se entendendo como parte da natureza.

Esse mundo sagrado onde os sacrifícios operam permite a imanência entre o homem e o mundo, tal como ocorre com Dani, onde o final da trama corresponde ao encontro da personagem consigo mesma, quando ela finalmente se torna um símbolo de fertilidade da terra, o que propiciou se desvincular da dor que existia e estava latente consigo, eliminando e expurgando seus sentimentos mais profundos.

Por sua atividade, o homem edificou o mundo racional, mas sempre subsiste nele um fundo de violência e, por mais razoáveis que nos tornemos, uma violência pode nos dominar de novo que não é mais a violência natural, que é a violência de um ser de razão, que tentou obedecer, mas sucumbe ao movimento que nele mesmo não pode reduzir à razão. Há na natureza e subsiste no homem um movimento que sempre excede os limites, e que jamais pode ser reduzido se não parcialmente.<sup>8</sup>

### **Ritual de copulação como sexo sagrado**

No filme há uma cena em que os rapazes norte-americanos, incluindo Christian, conversam sobre seus desejos e fantasias sexuais antes de embarcarem em sua viagem à Suécia. Eles falam abertamente sobre suas expectativas em relação às mulheres suecas e brincam sobre a possibilidade de encontrar mulheres que possam realizar seus fetiches sexuais. Essa cena mostra como os personagens norte-americanos têm uma mentalidade centrada em si mesmos, com foco em seus próprios desejos e fantasias. É uma visão superficial e egocêntrica que contrasta com a abordagem mais profunda e respeitosa da comunidade de Hårga em relação à sexualidade e à conexão com a natureza.

A partir do momento em que Christian chega a Hårga, Maja uma das moradoras da comunidade, demonstra que está interessada em Christian. Inclusive, em uma das cenas, ela esconde uma *runa* debaixo da cama do mesmo, para provocar desejo. Ao longo da trama, Christian parece estar sendo levado aos poucos nessa atmosfera de sedução evocada por Maja e, posteriormente, quase no final da narrativa, ele ingere uma bebida alucinógena que o prepara para o ritual de copulação.

Maja estava à espera de Christian, que foi levado a uma espécie de casarão preparado para o ritual de copulação. O intuito é fazer nascer uma nova vida, tendo em vista que havia uma prática antiga da comunidade, o *Åttestupa*, sacrifício ritual para idosos que completassem 72 anos (estado de inverno de suas vidas). O filme relaciona o suicídio ritual de um casal de idosos com a criança que será gerada:

O que acabaram de presenciar é um costume muito, muito antigo. Os que pularam chegaram ao fim do ciclo de vida em Hårga. Entendam que é uma grande alegria para eles. E quando chegar a minha vez, será uma grande alegria para mim. Enxergamos a vida como um ciclo. A senhora que pulou se chamava Ylva, e o bebê que está para nascer vai herdar o nome dela. Em vez de envelhecer e morrer com dor, medo e vergonha, nós entregamos nossa vida, como

<sup>8</sup> BATAILLE, 2021, p. 63.

um gesto, antes que ela se estrague. Morrer lutando contra o inevitável não traz nada de bom. Isso corrói o espírito.<sup>9</sup>

Essa nova vida que estava por vir seria produto da copulação de Christian com Marja, irmã de Pelle. Quando Christian tem a relação sexual, as outras mulheres da comunidade observam juntas e os acompanham em círculo, como se todas estivessem presentes também no processo. Dani acaba visualizando seu namorado naquele ritual e sai abalada pelo que viu. Somente após esse momento há uma quebra da barreira, daquele sentimento de necessidade de seu companheiro, abrindo-se para as experiências de Hårga.

### **O Eros sagrado**

Quanto à noção do erotismo sagrado, o filme questiona as percepções tradicionais de sexo por meio do Eros sagrado e aborda os limites éticos e morais da expressão sexual e do desejo. O filme explora também a complexidade da conexão entre a espiritualidade, a intimidade e o poder nas relações humanas. Bataille argumenta que o erotismo está intrinsecamente ligado à transgressão. O sagrado e o profano são inseparáveis, uma vez que o sagrado surge da profanação e da quebra das normas sociais e morais. Nesse contexto, o Eros sagrado pode ser entendido como uma experiência que ultrapassa os limites estabelecidos, envolvendo uma fusão intensa entre o prazer sexual e o desejo de transcendência, ou seja, de continuidade.

Outro nome para esta experiência com a continuidade do todo ilimitado e eterno, que subjaz fremindo a descontínua aventura humana, é o que Bataille denomina de erotismo. A despeito de suas nuances particulares – Bataille especifica três tipos de erotismo: erotismo dos corpos, erotismo dos corações e erotismo sagrado.<sup>10</sup>

O Eros sagrado é apresentado como uma abordagem mais profunda e espiritualizada da sexualidade, em contraposição à mentalidade egocêntrica e superficial dos personagens norte-americanos. A comunidade de Hårga busca uma conexão mais ampla com a natureza, com a vida e com o ciclo de renovação, enquanto os personagens ocidentais estão mais focados em seus próprios desejos individuais, onde os afetos se contabilizam através de números e vantagens.

### **A noção do polo esquerdo e do polo direito do sagrado em *Midsommar***

O filme aborda essa dualidade fundamental do sagrado, explorando a interação entre os pólos esquerdo e direito. A comunidade Hårga representa um exemplo extremo dessa dualidade, onde os rituais são caracterizados por uma mistura intensa de pureza e impureza, ordem e desordem, estabilidade e instabilidade.

---

<sup>9</sup> MIDSOMMAR. Direção: Ari Aster. Produção: Lars Knudsen, Patrik Andersson. Estados Unidos: A24, 2019. Amazon Prime. (01:13:50).

<sup>10</sup> NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza; CATENACI, Giovanni Felipe. Incurções no mundo da continuidade: Leitura da ficção arcaizante de *Midsommar* a partir de Bataille. *Horizonte: Dossiê: Religião e Cinema*. Belo Horizonte, v. 61, n. 20, p. 1-26, abr. 2022.



A celebração do festival de verão é pintada com cores brilhantes e aparência pacífica, evocando a ideia de um polo direito do sagrado. No entanto, à medida que a trama se desenrola revela-se um lado mais sombrio e perturbador, onde os rituais de sacrifício e violência evidenciam o polo esquerdo do sagrado. Essa dualidade cria um ambiente ambíguo e inquietante, onde a violência e a morte coexistem com uma suposta busca pela purificação e renovação. Ao retratar esses elementos, *Midsommar* enfatiza a instabilidade e a ambivalência relacionadas ao sagrado, onde os polos esquerdos e direito se alimentam mutuamente e criam uma tensão constante.

Essa dinâmica é fundamental para entender a força disruptiva e transformadora do sagrado, que pode trazer tanto o renascimento quanto a destruição. O filme ressoa com as complexidades do sagrado discutidas no artigo, desafiando as noções simplistas de bem e mal, certo e errado. “O conceito de polo esquerdo e polo direito é uma dualidade fundamental e enriquecedora que nutre e vitaliza o contexto do sagrado”<sup>11</sup>. Esses polos, embora aparentemente opostos, formam uma sinergia única que transcende a esfera profana da sociedade: “O polo direito da religião é a dimensão sagrada que estabiliza e estrutura a sociedade, enquanto o polo esquerdo é a dimensão sagrada que energiza, inspira e transforma os indivíduos que compõem a sociedade”<sup>12</sup>.

O polo direito, com sua associação à pureza, ordem, estabilidade e continuidade, desempenha um papel essencial na manutenção da harmonia social. Representando a dimensão do sagrado que se ajusta às normas culturais e sociais, ele é o alicerce da estabilidade na sociedade, garantindo o equilíbrio e a continuação de valores enraizados. Ao ser valorizado e privilegiado pela sociedade, o polo direito se torna um pilar crucial na construção de um sistema ordenado e coeso. Por outro lado, o polo esquerdo, associado à impureza, desordem, instabilidade e descontinuidade, por mais que desafie os paradigmas estabelecidos, é essencial por encorajar a transformação. Essa dimensão do sagrado, embora menosprezada e marginalizada, é indispensável para estimular e inspirar os indivíduos, o polo esquerdo oferece uma abertura para o crescimento pessoal, a criatividade e a evolução coletiva. Sua energia disruptiva é o catalisador para mudanças profundas e necessárias.

Entretanto, é crucial entender que esses polos não são meros opostos binários. Na esfera profana, é comum que se estabeleçam oposições lógicas e construções discursivas (como masculino/feminino, bom/mau, verdadeiro/falso, certo/errado). No entanto, essas dicotomias perdem significado quando adentramos no domínio sagrado. O sagrado é caracterizado por uma heterogeneidade radical, transcendendo as estruturas ordenadas e sistêmicas presentes na sociedade profana. Assim, a dualidade dos polos esquerdo e direito na esfera sagrada não se limita a uma contraposição rígida, mas sim a uma interdependência dinâmica que aprofunda a experiência humana. Eles coexistem como forças complementares, alimentando-se mutuamente para proporcionar uma visão mais íntima da existência, além das limitações impostas pelas normas sociais.

O percurso de Dani em *Midsommar* pode ser interpretado como uma jornada de iniciação no reino do sagrado, onde ela é exposta às forças ambivalentes e instáveis dos polos esquerdo e direito. Inicialmente, Dani é retratada como uma pessoa vulnerável e emocionalmente

<sup>11</sup> CAILLOIS, Roger. *El hombre y lo sagrado*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 2006.

<sup>12</sup> PAWLETT, William. “Bataille and the Left Pole of the Sacred”. In: *Georges Bataille and Contemporary Thought*. Will Stronge (ed.). London: Bloomsbury Academic, 2017. p. 51-72. Bloomsbury Collections. Web. 25 Apr. 2020.

fragilizada, que sofreu traumas pessoais com a morte de sua família. Ela se sente isolada e deslocada, buscando conforto em seu relacionamento com Christian, que não oferece o apoio emocional que ela precisa. A viagem para a comunidade sueca é um ponto de virada em sua vida, lá ela é introduzida à cultura e aos rituais sagrados do festival de verão, onde essa dualidade do sagrado se torna evidente. Através de sua participação nos rituais, Dani é exposta à purificação e à violência, testemunhando a conexão entre vida, morte e renascimento, onde o belo e o grotesco coexistem.

No decorrer do filme, Dani é confrontada pelas complexidades do sagrado e passa a questionar suas próprias crenças e valores. Ela é constantemente desafiada pelas questões culturais da comunidade sueca, que diferem drasticamente das de sua vida anterior. A dualidade do sagrado começa a se manifestar em sua própria psique, onde os polos esquerdo e direito lutam por domínio sobre suas emoções e percepções.

No ápice do filme, Dani é coroada como a rainha da festividade de verão, símbolo de sua iniciação no reino do sagrado por parte da comunidade de Hårga. O final da narrativa resulta em um momento de escolha, onde ela se defronta com a decisão de abraçar totalmente o sagrado ou retornar ao mundo profano. Ela escolhe abraçar o sagrado, aceitando a ambivalência e instabilidade do mundo em que foi acolhida. Toda a trajetória de Dani em representa sua própria transformação, ela experimenta a dualidade fundamental e a tensão entre os polos esquerdo e direito, permitindo-se ser energizada e desafiada pelas forças opostas. Sua escolha final de abraçar o sagrado demonstra esse domínio onde as verdades são muito mais profundas e multifacetadas do que as oposições binárias da esfera profana.

### **Filme como ordem filosófica**

Nas articulações das imagens e da narrativa desta obra cinematográfica emerge também uma crítica de natureza filosófica (Bataille diria, teológica), que vai além das categorizações convencionais do filme. O filme, longe de ser meramente uma obra de terror, mostra-se também como um meio de exploração intelectual e reflexão sobre temas de caráter existencial. Ele nos apresenta uma intersecção entre rituais violentos, sacrifício religioso e erotismo sagrado. O enredo não busca simplesmente incitar o medo, mas sim provocar uma reflexão sobre as grandes questões da existência humana desconectada dos ciclos da natureza, submetida ao mundo do trabalho e da produção.

Como exemplo, em uma das cenas no filme, um dos integrantes do grupo chamado Josh, interpretado por William Jackson Harper, tenta furtar um livro sagrado da comunidade, para auxiliá-lo com informações úteis para sua tese de doutorado. Nesse sentido, pode-se ler esse ato como uma questão hedonista e produtivista da sociedade contemporânea. Na sociedade moderna, como retratada no filme, o hedonismo frequentemente se manifesta como um desejo por prazer imediato, como um fim em si mesmo, muitas vezes de forma individualista e desconectada de um propósito mais profundo. Aqui, Josh, um estudante de antropologia, personifica essa abordagem. Ele busca extrair conhecimento dos rituais e da cultura de Hårga, encarando-os como um meio de satisfação intelectual. O roubo do livro sagrado simboliza essa busca, onde o prazer de escrever sua tese é priorizado sobre o respeito pelas crenças da comunidade e o entendimento mais amplo do contexto espiritual.

Por outro lado, a comunidade de Hårga representa uma sociedade arcaica em que o prazer autêntico está entrelaçado com a espiritualidade e os rituais ancestrais. Seu festival de verão é uma celebração coletiva que integra a questão do prazer de maneira simbólica. O prazer é uma forma de conexão com o sagrado e uma maneira de transcender o eu individual em prol da comunidade e do divino. O livro sagrado é mais do que um objeto, pois simboliza o conhecimento espiritual que é compartilhado pela coletividade Hårga e representa a relação entre o prazer, a busca espiritual e o entendimento compartilhado.

Nesse sentido, *Midsommar* ultrapassa os limites do gênero de terror, porque sua abordagem, vai além do medo fácil e, como vimos, dialoga com a visão de Bataille sobre a religião, além de explorar as relações entre o sagrado e o erótico permitindo a compreensão do humano e do divino. O poder de *Midsommar* reside na capacidade de incitar reflexões sobre o significado da vida, a natureza da espiritualidade e a complexa interação entre elementos aparentemente antagônicos. O filme pode ser interpretado como uma crítica à modernidade por meio de suas representações simbólicas e atmosfera contrastante, examinando de forma sutil e ao mesmo tempo intensa os aspectos perturbadores e desumanizadoras da sociedade moderna, ao mesmo tempo que sugere um retorno a valores e conexões mais tradicionais e profundas.

Um dos principais elementos que evidenciam essa crítica é a oposição entre a vida urbana contemporânea dos personagens e a comunidade de Hårga, onde se passa o festival de verão. Enquanto os protagonistas estão imersos em uma rotina frenética, marcada por tecnologia, isolamento emocional e ansiedade, Hårga apresenta uma vida comunal, rituais antigos e uma harmonia com a natureza e suas tradições.

Vivemos em tempos estranhos. Ao mesmo tempo que estamos hiperativos, excitados por máquinas produtoras de imagens digitais, pulando de tela em tela, passando os dedos nervosos nestas superfícies a fim de trazer novas imagens; clicando em ícones que abrem outros ícones, consumindo aceleradamente tais signos e sons, também estamos enfeitiçados por filmes que criam ficções sobre passados distantes, que reconstroem para hoje mundos arcaicos de temporalidade lenta, de sincronia com os ciclos das estações, das fases das vidas humanas, das alternâncias dos ciclos da natureza. Nossa individualidade fugaz e virtual tem saudades de tempos de corporeidade forte, de sexualidades encarnadas, da busca pela vitalidade com origem na terra.<sup>13</sup>

A celebração do festival de *Midsommar* na comunidade, com suas práticas rituais e conexões com a terra e uns com os outros, é uma contraposição gritante com a alienação urbana dos personagens. A modernidade, representada por esses jovens urbanos, é vista como uma era de desconexão, superficialidade e busca incessante por prazeres efêmeros. A crítica é aprofundada quando a comunidade sueca apresenta uma abordagem mais equilibrada e profunda em relação à vida e à morte, valorizando o sentido de pertencimento e as relações interpessoais.

## Conclusão

Buscamos associar ao filme *Midsommar* os rituais que exploram a violência e a morte, e a relação com o sacrifício religioso e sua concordância com a ação erótica. Podemos concluir

<sup>13</sup> NOGUEIRA; CATENACI, 2022.

dessa análise do filme, a partir do pensamento de Bataille, que para nos aprofundarmos no entendimento do sagrado é necessário também entender seus aspectos mais sinistros e violentos. O sacrifício transcende o ato em si e representa uma doação desinteressada, contrastando com a lógica utilitária da produção. Através da análise do filme, é possível perceber que o mesmo busca contrapor os limites éticos e morais, demonstrando que o erótico sagrado está relacionado à transgressão. Esses pontos essenciais fornecem uma base sólida para a análise sistematizada do filme e a interpretação filosófica das obras, revelando a complexidade das interconexões entre os rituais violentos, o sacrifício religioso, o erótico e o sagrado.

### Referências

- ANDREW, J. Dudley. *As principais teorias do cinema*. Uma introdução. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2002.
- BATAILLE, Georges. *A experiência interior*. Seguida de Método de meditação e Postscriptum 1953. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.
- BATAILLE, Georges. *O erotismo*. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2021. Tradução de: Fernando Scheibe.
- BATAILLE, Georges. *Teoria da religião*. Seguida de Esquema de uma história das religiões. Belo Horizonte: Autêntica, 2016.
- BATAILLE, Georges. *A parte maldita*: precedida de “a noção de despesa”. RIO DE JANEIRO: Imago, 1975.
- CAILLOIS, Roger. *El hombre y lo sagrado*. Cidade do México: Fondo de Cultura Económica, 2006.
- GAUDREAU, André & JOST, François. *A narrativa cinematográfica*. Brasília: Editora UNB, 2009.
- NOGUEIRA, Paulo Augusto de Souza; CATENACI, Giovanni Felipe. Incursões no mundo da continuidade: Leitura da ficção arcaizante de Midsommar a partir de Bataille. *Horizonte: Dossiê: Religião e Cinema*, Belo Horizonte, v. 61, n. 20, p. 1-26, abr. 2022.
- PAWLETT, William. *Bataille and the Left Pole of the Sacred*. Georges Bataille and Contemporary Thought. Ed. Will Stronge. London: Bloomsbury Academic, 2017, p. 51–72. Bloomsbury Collections. Web. 25 Apr. 2020.
- STAM, Robert. *Introdução à teoria do cinema*. 5ª. Ed. Campinas: Papyrus, 2019.

Submetido em: 02/09/2023

Aprovado em: 17/06/2024